

Transcrição

[Vídeo: Primeira Conferência Nacional de Saúde e Direitos da Mulher 1986]

[https://youtu.be/J_7FCwQls_Y?si=kKm3OeNu-Av3ohic]

[00:00:01]

[Música ao fundo exibindo participantes do Congresso]

[00:36:00]

[Mulher 1]

Bom, eu acho que essa Conferência Nacional de Saúde da Mulher será um marco extremamente importante na história da saúde da mulher brasileira será um momento em que nós daremos um salto de qualidade um movimento de mulheres, bem como sua relação com as instituições públicas de saúde, estou apostando.

[00:00: 56]

[Mulher 2]

A Conferência tem que ser o início de uma grande discussão que não pode terminar aqui. Ela tem que se estender por todos os estados e pelo Brasil inteiro e eu acho que ela tem que inclusive incorporar homens nessa discussão.

[00:01:11]

[Homem 1]

A Conferência certamente vai contribuir para o processo de Reforma Sanitária, para a construção de um novo sistema de saúde onde também aí nesse sistema de saúde os direitos da mulher devem ser respeitados.

[00:01:24]

[Mulher 3]

Eu acho que essa Conferência ela vai realmente inaugurar pela própria forma como ela foi organizada que é de trazer para o debate sobre o programa de assistência integral à saúde da mulher e sobre os direitos da reprodução, os profissionais de saúde da área governamental, os usuários e as mulheres que fazem uma prática alternativa de saúde juntar esses três interlocutores sem dúvida vai ser um fator de enriquecimento para o debate sobre saúde e direitos da mulher.

[00:01:58]

[Música - Hino Nacional Brasileiro]

[00:02:31]

[Mulher 4]

Estamos realizando agora a 1ª Conferência Nacional de Saúde e Direito da Mulher, é porque tal ideia poderia ter ressonância nas regiões mais longevas desse país. Isso foi demonstrado pela mobilização de um grupo de mulheres que compareceu a 8ª Conferência Nacional de Saúde e ali identificou a oportunidade de realizar esse

evento, assim como a sua urgência face à Assembleia Nacional Constituinte e a reforma sanitária que construirá um sistema único de saúde universal e equitativo.

O resultado destes esforços é a presença de centenas de participantes que aqui estão e que representam igualmente os trabalhos desenvolvidos pelas 26 pré-conferências estaduais que entusiasticamente atenderam à convocação do núcleo organizador.

[00:03:19]

[Mulher 5 entrevistando participantes]

Oi, Você está chegando de onde?

[00:03:22]

[Mulher 6]

João Pessoa, Paraíba.

[00:03:25]

[Mulher 7]

Do Amazonas.

[00:03:26]

[Mulher 8]

Estou chegando de Manaus.

[00:03:28]

[Mulher 9]

Chegando de São Paulo.

[00:03:29]

[Homem 1]

Brasília, sou daqui mesmo.

[00:03:31]

[Mulher 10]

Estou chegando de Minas Gerais.

[00:03:33]

[Mulher 11]

Estou chegando de Goiânia.

[00:03:35]

[Mulher 12]

De Alagoas, Maceió, terra do sol.

[00:03:38]

[Mulher 13]

Vitória, Espírito Santo

[00:03:40]

[Mulher 14]

Sou de Mato Grosso do Sul, de um grupo organizado de mulheres.

[00:03:44]

[Mulher 15]

Porto Alegre, Rio Grande do Sul? Só pode ser né...chimarrão.

[00:03:48]

[Música e palmas pelas conferencistas]

[00:04:28]

[Mulher 16]

Essa Conferência significa uma grande coisa para nós que participamos da organização desde o seu início. Ela nasceu (a ideia dela, né?), através da 8ª Conferência Nacional de Saúde, onde um grupo de mulheres, de movimento de mulheres, de sindicatos institucionais, que trabalham com a questão da saúde e queriam discutir uma temática específica relativa à sua saúde.

[00:04:54]

[Mulher 17]

Eu me chamo Graça Ohanna e junto com aproximadamente 50 mulheres coordenei essa Conferência Nacional, que hoje se inicia. A Conferência de Saúde e Direitos da Mulher. Junto comigo estavam todas as Marias, as Joanas, as Giseles, as Madalenas, principalmente as Madalenas, que conseguiram fazer com que essa Conferência se concretizasse.

[00:05:22]

[Mulher 18]

Essa Conferência, ela significa, como eu coloquei no meu discurso, a confluência de dois processos. Um processo que se inicia que é justamente o processo de participação da mulher nas decisões da política de saúde e traz também toda uma luta, muitas vezes uma luta esquecida, mas que está presente na nossa memória coletiva, que é a luta da mulher histórica já por tomar posse do seu corpo, tomar posse dos saberes e das práticas com relação ao seu corpo.

[00:05:57]

[Homem 2]

Se é verdade que ao ser humano cabe organizar-se para alcançar níveis de saúde satisfatórios de forma individual e coletiva, a mulher em especial compete um espaço muito amplo na conquista deste direito.

[00:06:26]

[Mulher 19]

Os resultados da Conferência constituíram um importante subsídio para a comissão da reforma sanitária inicialmente e posteriormente para a própria assembleia nacional constituinte, na organização do setor saúde e na defesa dos direitos mais amplos da mulher dentro da constituição.

[00:06:41]

[Mulher 5- entrevistando]

Como senhor vê a contribuição do movimento de mulheres e das mulheres feministas para o programa de saúde da mulher?

[00:06:49]

[Homem 3: Sergio Arouca]

Bom, toda vez que a mulher entra em uma luta e assim foi na Carestia, assim foi na luta pela Anistia e assim foram as loucas da praça de maio, as mulheres colocam uma verdadeira perplexidade no poder, porque elas questionam na sua condição social transformações significativas, não basta fazer um novo organograma, não basta fazer uma reforma burocrática, tem que se transformar a consciência sanitária, a consciência social e ao fazer isso eu acho que elas permitem a construção de um novo país.

[00:07:23]

[Música]

[00:07:39]

[Mulher 20]

Do coletivo feminista, sexualidade e saúde que é um grupo de mulheres que trabalham na formação de mulheres que não são da área de saúde para trabalhar com a questão da saúde da sexualidade da mulher, nós estamos atualmente formando seis mulheres que não são da área de saúde, são de todas as outras profissões para trabalhar com a saúde da mulher com o objetivo de quebrar um pouco essa questão do poder médico, e nosso trabalho tem o objetivo de dar um espaço às mulheres, onde elas possam se colocar em serviço de uma maneira integral, não só o útero, a reprodução.

[00:08:12]

[Mulher 21]

Eu sou esse corpo, nós trabalhamos com a saúde do ponto de vista educativo, da pesquisa e da produção de material didático e a questão educativa para a gente não é uma questão só da gente passar informação para as outras mulheres, mas é vivenciar com as outras mulheres da sua experiência e poder elaborar com elas alguma coisa tanto que vá no sentido da conscientização, da alta valorização das mulheres, mas também um pouco elaborar esse saber feminino, para levar para o mundo.

[00:08:45]

[Mulher 22]

Quase 17 anos de trabalho com as mulheres, mulheres que me ensinaram o quanto o serviço de saúde trata elas mal, mulheres que me ensinaram a procurar, sempre continuar sendo médica, a valorizar minha profissão, continuar achando que minha profissão pode ser digna porque elas me ensinaram a fazer uma medicina e a ser ginecologista obstetra de uma maneira diferente que eu estudei antes, acho que é isso.

[00:09:08]

[Mulher 23]

Os médicos homens são leigos em matéria de corpo de mulher, esse conhecimento todo vai ter que ser revisto e é tarefa do movimento feminista na busca da identidade, na construção da identidade da mulher, recuperar esse conhecimento que foi expropriado das mulheres ao longo dos tempos.

[00:09:29]

[Homem 4]

Nós entendemos que o homem principalmente nós, profissionais da saúde, por trabalhar com a questão da mulher, eles devem participar mais efetivamente das discussões para ser inclusive engajado na proposta que aqui está sendo discutido, um assunto muito importante que é a democratização do saber, que é respeitar o conhecimento da mulher, auxiliar mulheres a descobrir seu próprio corpo e receber essa visão que é muito importante na hora que você presta sua assistência, agora eu acredito também que os movimentos feministas também devem ter uma postura mais aberta em relação a isso, de entender também o homem como aliado e não como inimigo dessa proposta.

[00:10:10]

[Música- Super-homem (Gilberto Gil) tocando]

[00:10:29]

[Mulher 24]

Eu queria que essa Conferência, ela fosse uma coisa que desse para discutir muito, aprofundar todas essas questões que estamos pensando em falar, por exemplo, a questão da saúde da mulher entendida como se estar bem no mundo, discutindo as questões dos serviços saúde, dos programas de saúde, mas colocando também coisas que são polêmicas, como a questão do aborto que não está sendo colocada aí por se tratar de uma questão delicada, mas não fomos nós feministas que inventamos a questão do aborto, ela está colocada, eu estou sentindo que está se evitando discutir ela, para mim isso é uma coisa séria porque para mim significa como uma omissão e eu fico desconfiada disso e essa Conferência fica mostrado em cima lá naquela mesa, todo mundo tão distante e as pessoas participam pouco das falas.

[00:11:15]

[Mulher 25]

Neste momento está reunido aqui mais de mil delegados de todo o país, era importante que a gente soubesse aproveitar bem o tempo e discutir para mim uma das questões que eu acho fundamental, a questão dos direitos reprodutivos e que eu acho que está existindo muito uma emoção, eu acho que é até porque essas conferências eram para ter sidas com muito mais frequência, essas questões eram para ser discutidas com muito mais frequência e de repente estamos encontrando assim o plenário muito emotivo, está muito bonita a Conferência, está sendo bastante participativa, mas estou um pouquinho preocupada com algumas questões que poderiam estar sendo mais debatidas.

[00:11:58]

[Mulher 26]

Então de repente essa Conferência dá uma força em que pessoas venham a público e digam que sofreram esse tipo de coisa, que foram cobaias, que elas de repente foram judiadas, amarradas, isso é uma vergonha muito grande, você ter que falar isso em público, é uma coisa que as pessoas tem um grilo grande de assumir, acho que esse testemunho de uma pessoa chegar e falar aconteceu isso comigo acho que é um exemplo incrível que as pessoas possam denunciar e as coisas não fiquem impunes.

[00:12:30]

[Mulher 27]

Era retomar a forma de distribuir o poder dentro das unidades, como nós mulheres tomaríamos parte desse poder de decisão e como nós modificaríamos esses ambientes internos, como nós faríamos ele para que tivesse espaço para nós, a nossa subjetividade, para nossas coisas e nunca obedecer, eu acho que o grito dessa Conferência seria não obedecer mais às regras do Sistema de Saúde.

[00:13:00]

[Música]

[00:13:21]

[Mulher 28]

O dia de hoje algumas coisas foram modificadas na programação, vai começar agora o trabalho de grupos, tem 17 grupos arrolados desde identidade feminina até saúde mental, identidade da mulher índia, saúde do trabalhador e outros, até a hora do almoço, após o almoço então ao invés de continuarmos os trabalhos em grupos vai haver uma plenária em termos dos estados trocarem a sua experiência na organização das Conferências estaduais para virem para cá, então foi modificado, ao invés das reuniões de grupos a dinâmica da tarde seria até umas quatro horas a troca das experiências e depois então oficinas de trabalho.

[00:14:07]

[Mulher 5- entrevistando participantes]

Que grupo é esse?

[00:14:08]

[Mulher 29]

Esse é o grupo 6, que está discutindo sobre o tema reprodução humana.

[00:14:14]

[Homem 4]

Em primeiro momento foi levantado as questões que permeia hoje reprodução humana, tais como pesquisas utilizando a mulher como cobaia que não leva em conta estas questões éticas, pesquisas não aprovadas em outros países que são realizadas aqui, por organismos e centros de reprodução humana que não leva em conta as questões inerentes ao corpo da mulher, a mulher em si, também levantado que esses mesmos centros estão reproduzindo esse perfil dos profissionais da área de saúde de tal forma que os profissionais na hora estão passando aos usuários uma forma relativa controlista de planejamento familiar, uma coisa muito importante que foi levantado na discussão foi exatamente a omissão do estado em relação a assumir efetivamente o planejamento familiar e devido a essa omissão do estado nós temos notado a proliferação de entidades privadas que estão assumindo esse espaço utilizando uma forma controlista, e frente a isso a posição que se tirou aqui é que de fato o estado assuma a questão da contracepção oferecendo todas as informações e todos os meios necessários para que a mulher livremente faça essa opção, se deseja ou não realizar a contracepção e qual o método a ser utilizado.

[00:15:35]

[Mulher 30]

Fui uma das vítimas do Norplant, contraí uma alergia a este hormônio que tem nesse tal Norplant, fiquei com bronquite asmática, sofri por seis meses seguidos, seis meses sem ter menstruação, perdi minha resistência física em consequência da bronquite que adquiri, estou aqui nessa Conferência para fazer um alerta às mulheres brasileiras que não caiam mais nessa, não passem pelo que passei e ainda estou passando.

[00:16:08]

[Mulher 31]

Porque hoje o que existe é uma indústria da laqueadura, toda mulher quer fazer laqueadura porque ela não conhece nenhum método contraceptivo, ela não tem informação, completamente desinformada, não conhecem absolutamente nada, acho que essa Conferência, a gente tinha que tomar uma decisão muito importante e é uma coisa para já.

[00:16:29]

[Mulher 32]

O meu pessoal, na minha região, é toda desprotegida, a mulher totalmente abandonada, totalmente abandonada, nós precisamos de uma melhora no setor de salário, saúde, moradia, enfim o que se refere à saúde porque com fome não há saúde.

[00:16:46]

[Música]

[00:17:04]

[Mulher 21 - entrevistando participantes]

Que grupo é esse?

[00:17:06]

[Mulher 33]

É um grupo de identidades de mulheres negras.

[00:17:09]

[Mulher 34]

Estamos frisando, valorizando e enaltecendo a nossa identidade, nós queremos reconhecer que nós somos realmente negras e que o negro é igualmente ao branco, tem todas as suas prerrogativas de inteligência, de beleza sendo negra, nós somos também bonitas.

[00:17:33]

[Mulher 5- entrevistando participantes]

Que grupo é esse?

[00:17:35]

[Mulher 35]

Esse grupo está discutindo sobre a mulher adolescente.

[00:17:39]

[Mulher 36]

A saúde da mulher indígena é uma saúde bastante abalada por essa constante invasão dessas doenças infectocontagiosas, como, por exemplo, um médico para fazer o parto, uma das coisas que a gente poderia estar fazendo todo dia, usar nossa medicina natural, diante dessa especulação a gente hoje tem que fazer uso de vacinas e antibióticos.

[00:18:05]

[Aplausos e gritos de mulheres]

[00:18:16]

[Mulher 5- entrevistando participantes]

Como está se sentindo?

[00:18:20]

[Mulher 37]

Estou me sentindo muito mal, porque de repente uma situação tão complexa como essa deveria ter mais sensibilidade das companheiras e as companheiras de repente chegarem

em um consenso, mas não houve, um sai, o outro não respeita a mesa, ninguém se respeita.

[00:18:35]

[Mulher 38]

O que aconteceu é que existiu uma posição de consenso que é levar uma discussão sobre o aborto, ampliar a discussão, nas colocações pessoais ouvimos posições diferentes. Eu acho assim muito complicado você discutir um aborto sem ser dentro realmente de um contexto mais amplo, mais globalizante, não é o aborto a questão primeira da questão da reprodução.

[00:19:06]

[Mulher 39]

Então quais foram as posições que deverão ser levadas como indicativo? A legalização do aborto, a não legalização do aborto, a descriminalização do aborto e a questão do plebiscito precedido de uma ampla discussão sobre a questão do aborto.

[00:19:21]

[Música]

[00:19:56]

[Mulher 5-entrevistando participantes]

Que oficina é essa e qual a proposta?

[00:19:58]

[Mulher 40]

Olha essa oficina chama “Com o corpo nas mãos”, e o que a gente está tentando fazer aqui é um reconhecimento e uma tentativa de reorganização corporal.

[00:20:09]

[Mulher 41]

Então o que faz a estrutura maior da sociedade? Como essas duas fases não pode...

[00:20:15]

[Mulher 5- entrevistando participantes]

Qual é a proposta dessa oficina?

[00:20:18]

[Mulher 41]

A proposta dessa oficina de estudar qual é a correlação poder, mulher e saúde é conscientizar as mulheres porque é que nós não temos acesso de uma estrutura de saúde pública ampla para atuarmos como cidadãs, como gênero humano, espécie mulher.

[00:20:41]

[Mulher 5- entrevistando participantes]
Que oficina é essa?

[00:20:43]
[Mulher 42]
Sobre lesbianismo.

[00:20:45]
[Mulher 5- entrevistando participantes]
Qual é a proposta desta oficina?

[00:20:52]
[Homem 5]
Nessa oficina estamos trabalhando com material básico da vivência de cada um dentro do sistema de atendimento à mulher, então aqui, na verdade se criou uma peça coletiva, uma dramatização coletiva utilizando elementos da imaginação de cada um, eu, por exemplo, sempre tive vontade de tentar experimentar como é que uma gestante se sente em uma situação angustiante como essa que de repente começar a parir no meio da rua, na porta de um posto de saúde.

[00:21:26]
[Música Muda Brasil]

[00:21:43]
[Mulher 43]
Aprovado!

[00:21:53]
[Mulher 5- entrevistando participantes]
Como é que você está se sentindo nessa Conferência?

[00:21:55]
[Mulher 44]
Eu acho que a mobilização das mulheres está se revelando de uma maneira muito expressiva, a participação de mulheres de todas as categorias, mulheres do campo, mulheres das cidades, de todo o Brasil está mostrando que as mulheres são organizadas, inclusive para enfrentar a pressão de certos grupos que querem dominar a medicina e a saúde no Brasil.

[00:22:16]
[Mulher 5- entrevistando participantes]
O que faltou nessa Conferência?

[00:22:17]

[Mulher 45]

Para mim, nada, está bom, estamos aprendendo.

[00:22:21]

[Mulher 46]

Por exemplo, a pouca participação das mulheres rurais, muitas delas nem sabiam da realização dessa Conferência.

[00:22:30]

[Mulher 47]

Mais compreensão das nossas companheiras, que às vezes estão bagunçando muito e não dão condições à mesa propor, para depois elas reclamarem.

[00:22:48]

[Mulher 48]

Só que precisa deixar que o povo fale mais, deixar o povo mais livre para colocar as suas necessidades.

[00:22:53]

[Mulher 49]

Eu me senti angustiada, triste, nem um pouco à vontade, não me fez nem um pouco bem, chorei e relaxei um pouco, agora já estou me sentindo um pouco melhor.

[00:23:07]

[Música]

[00:24:07]

[Mulher 5- entrevistando participantes]

Que relatório final é esse?

[00:24:07]

[Mulher 50]

Esse relatório é a síntese das propostas elaboradas pelos diferentes grupos de trabalho que estiveram nessa Conferência, cinco grupos de trabalho foram organizados em torno de temas diferentes, como identidade feminina, reprodução humana, saúde da mulher indígena, da mulher negra, a ciência integral, à saúde da mulher, enfim ao todo um total de 16 temas, as pessoas trabalharam esses temas e fizeram propostas de atenção à saúde em torno desses temas e este relatório é o consolidado dessas propostas.

[00:24:55]

[Mulher 51]

As questões que estão sendo levantadas são muito polêmicas que mexem não só com a composição política das pessoas, mas com sentimentos, a questão da saúde da mulher, ela mexe não somente com se você é contra ou a favor de uma coisa, mas com a sua

própria identidade, com o teu corpo, com a sua maneira de ser, então evidentemente isso não é uma coisa que a gente se resolve em uma plenária, ainda mais sendo a primeira vez que a gente está junto para poder falar sobre isso.

[00:25:19]

[Mulher 52]

Eu acho que as mulheres têm muito mais para falar do que a gente poderia prever, esse foi o encontro, foi o primeiro encontro nesta instituição que permitiu isso, eu acho mesmo que esses pontos negativos da vida são decorrência de que esse encontro não é nem um encontro feminista, nem um encontro sabe tradicionalmente construído por uma instituição, a gente ficou nesse linear e eu acho que tanto a coordenação, quanto os participantes perceberam isso, é muito difícil a gente sair desses limites, mas eu estou satisfeita com o resultado pela possibilidade do espaço criado para discussão, agora tenho certeza que esse espaço criado para a discussão ainda tem muito de conflito pela frente, é um espaço para o conflito também.

[00:26:16]

[Música] Rita Lee – Saúde.